

Quinta-feira, 26 de Abril de 2012, 21h:11

Você comeria um OGM?

Com tantas discussões sobre alimentos transgênicos, ficam as perguntas: Afinal de contas, os organismos geneticamente modificados □ OGM - são ou não são seguros para o consumo humano? Até que ponto as indústrias que processam ou atuam com estas tecnologias, ou os órgãos fiscalizadores (ou outros interessados) realmente dizem sobre os efeitos de um OGM? E quanto ao meio ambiente e aos animais? Obviamente, tecnologias e mudanças sempre representam em algum grau, stress no ser humano em aceitar essas novas alterações em seu modo de viver (temos casos clássicos em nossa história como a revolta da vacina no Rio de Janeiro, 1904). Mas qual seria a finalidade de se fazer um OGM? Os organismos geneticamente modificados, incluindo as plantas e os animais, representam uma das maiores mudanças para a humanidade. Tecnologias de ponta permitem aos cientistas identificar o material genético e modificá-lo de tal modo que nesta □ nova programação □ se tenha características que melhorem comparadas ao cultivo convencional. Na verdade, a seleção de plantas com características melhores sempre foram objeto de desejo de qualquer produtor e vem sendo utilizado pelo homem em uma época que ainda não sabíamos sobre a existência do DNA ou micro-organismos (há mais de 10 mil anos). Durante séculos o homem cultivou espécies que apresentavam características de interesse, melhorando geneticamente culturas de alimentos. Porém, apesar de ser um método relativamente simples e econômico, era demorado, aleatório e limitado. O que a Biotecnologia trouxe foi novas possibilidades de se "refazer" outro tipo de agricultura e isto inclui: plantas mais adaptadas a estresse ambiental como chuva e seca, plantas que produzem fármacos e/ou substâncias essenciais, frutos associados à vacina. Isso mesmo, ao comer uma simples banana no café da manhã você estará "vacinado" contra alguma doença. Apesar de parecer uma história de filme futurista, a verdade é que estamos caminhando para isso. Dentre as alterações genéticas realizadas, as de maior interesse são as voltadas a inserir nutrientes funcionais nas plantas. As pesquisas estão voltadas a descobrir novos genes e tecnologias que possam induzir na planta, por exemplo, uma quantidade maior de determinados nutrientes, como, por exemplo, óleos essenciais à manutenção do nosso organismo, uma espécie de lubrificante de motor, neste caso o corpo humano, terá possibilidades de melhor aproveitar os nutrientes. Interessante da modificação genética é o potencial de manipulação de características específicas. Como exemplo, alterar a sequência genética do amendoim, diminuindo características que conferem alergias em algumas pessoas que o consomem. Vegetais podem ter seu período de crescimento acelerado e com isso diminuir o tempo e o gasto final com a produção. Mas, afinal, os transgênicos são ou não seguros? Sob o ponto de vista científico, não há absolutamente nada que torne um transgênico inseguro, a não ser que a sequência genética alterada não tenha sido realizada como deveria. Ao final das contas, valem os testes e experimentos embasados cientificamente que garantem o "know-how" suficiente (ou pelo menos deveria) que justificam o desenvolvimento de novas espécies mais adaptadas à realidade mundial. Em uma economia competitiva, diversificar espécies mais adaptadas a estresse ambiental, resistência a insetos e, de quebra, alto valor nutricional é um mercado a se pensar se vale a pena nele investir. A liberação de um OGM passa por alguns crivos incluindo enfrentar a burocracia dos diversos órgãos reguladores (FDA, Usda e EPA) que acompanham a segurança destes produtos até chegarem à nossa mesa. Vale lembrar, também, que os EUA são um dos maiores produtores de soja transgênica aproximadamente, algo em torno de 87%. Mesmo parecendo assustador, é para este fim que a transgenia se vale: realizar modificações que tragam novos alimentos adaptados a situações adversas e que abarquem a demanda dos 9 bilhões de habitantes (muuuuita gente) para se alimentar previstos para os próximos 20-30 anos. O que se encontra fora deste contexto é pura instigação...
*ELIDAMAR CARVALHO é PhD em Engenharia Genética pela Unifesp e consultora em Biotecnologias

Fonte: Diario de Cuiabá

Visite o website: diariodecuiaba.com.br ()